

SOBRE ARABISMOS AFRICANOS NO *DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO RESUMIDO* DE ANTENOR NASCENTES (1966)

Francisco Barroso de Sousa*

Samantha de Moura Maranhão**

Resumo: Este artigo sobre o registro de arabismos africanos no *Dicionário Etimológico Resumido* (NASCENTES, 1966) busca responder à questão “O *Dicionário Etimológico Resumido* (NASCENTES, 1966) identifica arabismos africanos?” A hipótese testada é de que o referido dicionário não distingue africanismos de arabismos africanos, creditando a línguas africanas a origem de vocábulos que, em verdade, têm origem na língua corânica. Buscaram-se os fundamentos teóricos para este estudo na Filologia Árabo-Românica (VARGENS, 2007; CORRIENTE, 2006, 2003, 1996), abordando-se, dentre outros, a atribuição de origem como um problema na dicionarização de arabismos (MARANHÃO, 2011) e a via brasileira de ingresso de arabismos na língua portuguesa (MARANHÃO, 2011). Analisam-se, aqui, 08 itens lexicais de origem árabe, além de comentarem-se outras lexis do universo afro-muçulmano documentados em Nascentes (1966).

Palavras-chave: Arabismos; Africanismos; Lexicografia; Antenor Nascentes.

Abstract

This paper on African Arabisms registered in *Dicionário Etimológico Resumido* (NASCENTES, 1966) aims to answer the research question “Does the *Dicionário Etimológico Resumido* (NASCENTES, 1966) identifies African Arabisms?” The tested hypothesis is that it does not distinguish African Arabisms from Africanisms, thus relating such words to African languages when their roots are actually related to the Koran’s language. This research is based on Arab-Romance Philology for theoretical support (VARGENS, 2007; CORRIENTE, 2006, 2003, 1996) and mentions the problem Brazilian Lexicography shows identifying the Arabic origin of lexical borrowings (MARANHÃO, 2011) and the acquisition of Arabisms by Brazilian Portuguese (MARANHÃO, 2011). Eight Arabic loans are then analysed, as well as other words related to the Afro-Muslim world are commented, all of them dictionarized in Nascentes (1966).

Key-words: Arabisms; Africanisms; Lexicography; Antenor Nascentes.

* Licenciado em Letras Português/Francês pela Universidade Federal do Piauí. Bolsista de PIBIC por 02 anos consecutivos (2012-2014), investigando a dicionarização de arabismos do português brasileiro. Professor de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental Maior do Colégio Santa Teresinha, em Teresina (PI). fcobarrosodesousa@gmail.com.

** Professora adjunta de Filologia Latina e Portuguesa do Departamento de Letras da Universidade Federal do Piauí desde 2004, doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, mestre em Letras (Filologia Românica) pela Universidade Federal da Bahia, especialista em Educação, Cultura e Identidade Afrodescendente pela Universidade Federal do Piauí, bacharel em Língua Estrangeira-Italiano pela Universidade Federal da Bahia, licenciada em Letras Português/Francês pela Universidade Católica do Salvador. samantha.ufpi@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este estudo sobre o registro de arabismos africanos no *Dicionário Etimológico Resumido* (NASCENTES, 1966) é parte de uma pesquisa mais ampla sobre a dicionarização de arabismos portugueses pela Lexicografia nacional, que, neste primeiro momento, volta-se para obras clássicas, quais o dicionário de Antenor Nascentes, apenas citado, e o de Antônio Geraldo da Cunha, o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (2010), edição revista e ampliada do *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (1982). Aqui, apresentam-se vocábulos identificados por Nascentes como africanismos, aos quais investigadores posteriores atribuem origem médio-oriental, com a língua corânica como língua fonte, em que os vocábulos efetivamente se originam, ou como língua ponte, que difunde formas originadas em outras línguas, a exemplo do persa.

Busca, portanto, responder à questão: “O *Dicionário Etimológico Resumido* (NASCENTES, 1966) identifica arabismos africanos?” A hipótese testada é de que o referido dicionário não distingue africanismos de arabismos africanos, creditando a línguas africanas a origem de vocábulos que, em verdade, são arabismos.

Reproduzem-se, neste estudo, os verbetes do *Dicionário Etimológico Resumido* (NASCENTES, 1966) para arabismos africanos equivocadamente tomados por africanismos, a que seguem informações etimológicas coligidas nos seguintes dicionários de referência: *Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa*, o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, *Dicionário Eletrônico Michaélis da Língua Portuguesa*, *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007) e *Diccionario de Arabismos y Voces Afines en Iberorromance* (CORRIENTE, 2003).

Buscaram-se os fundamentos teóricos para este estudo na Filologia Árabo-Românica (VARGENS, 2007; CORRIENTE, 2006, 2003, 1996). A par desta Introdução e das Considerações Finais, subdivide-se este estudo nas seguintes seções: 1. Um problema na dicionarização de arabismos: a atribuição de origem; 2. A via brasileira de ingresso de arabismos na língua portuguesa: os malês; 3. Metodologia; 4. Arabismos africanos no *Dicionário Etimológico Resumido*.

Acerca dos resultados, antecipamos apenas que a hipótese foi corroborada, com a adequada atribuição de origem verificando-se apenas em 02 dos 08 itens lexicais coligidos, o que perfaz 25% dos dados analisados. Desta forma, reitera-se a

necessidade de se proceder a novas investigações acerca da dicionarização de arabismos pela Lexicografia nacional.

1. UM PROBLEMA NA DICIONARIZAÇÃO DE ARABISMOS: A ATRIBUIÇÃO DE ORIGEM

A metalexicografia é a lexicografia teórica, isto é, o estudo dos problemas relacionados ao tratamento dos dados lexicográficos e à elaboração de dicionários, abordando, dentre outros temas, a tipologia e a crítica destes (WELKER, 2006, p. 02).

O estudo sistemático dos arabismos portugueses e de seu registro lexicográfico aponta que, no que concerne à atribuição de origem, verificam-se cinco problemas, quatro dos quais resultantes da desatualização das informações de cunho etimológico, se consideradas descobertas mais recentes da Filologia Árabo-Românica: 1. falta de registro de arabismos do português brasileiro; 2. se registrados, atribuição equivocada de origem aos mesmos; 3. registro de falsos arabismos; 4. não identificação de origem árabe a vocábulos cuja acepção se relacione ao mundo islâmico e 5. inadequação das fontes secundárias sobre arabismos, indicadas nas referências bibliográficas dos produtos lexicográficos brasileiros (MARANHÃO, 2011, p. 159-179).

Se tomarmos como exemplo o registro de arabismos afro-muçulmanos, comparando as formas documentadas no *Léxico Português de Origem Árabe* (VARGENS, 2007), doravante apenas LPOA, às que constam no *Dicionário Etimológico Resumido* (NASCENTES, 1966), ou, simplesmente, DER, observamos que:

No LPOA, registram-se 769 arabismos, dos quais 25 são afro-muçulmanos, isto é, inseriram-se no português brasileiro por intermédio de diferentes línguas africanas, designando aspectos da prática religiosa islâmica de grupos como os hauçás, nagôs, tapas, etc. Observe-se (Quadro 01) a distribuição dos arabismos documentados no LPOA, conforme a via de ingresso ser o português europeu ou o português brasileiro, nesta última subdividindo-se a contribuição em resultante da imigração oeste-africana ou sírio-libanesa.

Quadro 01 – Vias de ingresso de arabismos no Português Brasileiro (LPOA).

Fonte/Quantidade	Nº de Vocábulo	Percentual
Colonizador Português (português europeu)	732	95,2
Afro-Muçulmanos (português brasileiro)	25	3,2
Imigrantes Sírio- Libaneses (português brasileiro)	12	1,6
TOTAL	769	100

Dos 25 arabismos africanos encontrados no LPOA, o DER registra apenas 06 (24% do total): *alicali*, *aluá*, *alufá*, *leman*, *malê* e *muxurumim*.¹

A adequada atribuição de origem destas formas ao árabe parece comprometida pelo desconhecimento da efetiva contribuição oeste-africana ao léxico do português brasileiro, mediante a transmissão notadamente de arabismos do campo religioso. Frequentes vezes, dicionarizam-se como africanismos, sem remissão à origem árabe do termo, ou como arabismos, sem a identificação de uma língua africana como “ponte” entre o árabe e o português.

Um problema na dicionarização de arabismos portugueses pela lexicografia brasileira se deve às fontes secundárias utilizadas na produção das obras em que foi investigada, uma vez que a Filologia Árabo-Românica realizou numerosos estudos no último decênio, levando à revisão desse vocabulário em importantes artigos e obras, como o *Diccionario de Arabismos y Voces Afines en iberorromance* (CORRIENTE, 2003) e o próprio *Léxico Português de Origem Árabe: Subsídios para os Estudos de Filologia* (VARGENS, 2007).

A análise das referências bibliográficas consultadas sobre o tema dos arabismos pelo DER apontou não constituírem fontes adequadas de consulta, seja pela sua desatualização, seja pelo objeto descrito, nem sempre coincidente com o do influxo árabe nas línguas peninsulares e, particularmente, na língua portuguesa. Com efeito, o DER (NASCENTES, 1966, p. xv) indica, nas referências bibliográficas, o *Dictionnaire des Mots Espagnols et Portugais Derivés de l'Arabe* (ENGELMANN; DOZY, 1869), o *Glosario Etimológico de las Palabras Españolas de Origen Oriental* (EGUÍLAZ Y YANGUAS, 1886), o *Glossário Luso-Asiático* (DALGADO, 1919-1921), além do *Vocabulaire Arabo-Français, à l' Usage des Étudiants* (BELOT, 1898).

¹ Consideramos o registro de *muxurumim* como variante de *mussurumim*, forma efetivamente documentada no LPOA.

Apesar de obras clássicas, os dicionários de Engelaman-Dozy e de Eguílaz y Yanguas são criticados pela metodologia empregada em sua elaboração, anterior ao desenvolvimento da Linguística Moderna. Assim, devem ser consultados com cautela, seja pelo sistema de transliteração usado pelos seus autores, seja pelo desconhecimento que, com exceção de Dozy, estes tinham da língua árabe clássica e da dialetologia árabe, além de a metodologia se basear frequentes vezes na correspondência fonética e semântica, hoje preterida pelo efetivo registro dos arabismos em documentação remanescente, preferencialmente sujeita à edição crítica (CORRIENTE, 1996, p. 03; CORRIENTE, 2003, p. 20; CORRIENTE, 2006, p. 86-89).

Não dispomos de maiores informações sobre a obra de Belot, mas, considerando a sua finalidade didática, e pelas línguas descritas, é improvável a sua contribuição para a identificação da origem árabe de formas portuguesas. Já os estudos de Dalgado focam a interferência do idioma português em línguas asiáticas, não incidindo, portanto, sobre os arabismos peninsulares (MARANHÃO, 2011, p. 177).

Os problemas apenas citados, verificados na dicionarização de arabismos portugueses, exemplificados mais adiante pela sua análise no dicionário etimológico de Nascentes (1966), evidenciam a urgente necessidade de se revisar a dicionarização dos arabismos portugueses em dicionários brasileiros, com base em literatura especializada e atual.

2. A VIA BRASILEIRA DE INGRESSO DE ARABISMOS NA LÍNGUA PORTUGUESA: OS MALÊS

O Brasil passou a ser via de ingresso de arabismos na variedade americana da língua portuguesa, com a importação de mão-de-obra escrava oriunda do oeste africano, verificada sistematicamente a partir de fins do século XVIII e intensamente ao longo do século XIX, o que se observou notadamente na Bahia, em Salvador e no Recôncavo Baiano. Entretanto, a literatura especializada no tema dos arabismos portugueses raramente menciona os arabismos do português brasileiro.

A presença de afro-muçulmanos no Brasil escravagista decorre de disputas territoriais e guerras interétnicas e religiosas verificadas no oeste africano, quando o Sudão Central, região interiorana em relação à Baía do Benin, forneceu ao tráfico

Atlântico hauçás, nupes, iorubás, bornos, borgus, etc., como consequência da *jihad* promovida, a partir de 1804, pelo xeque Usman dan Fodio, fundador do Califado de Sokoto. Com efeito, suas guerras expansionistas resultaram no cativeiro de habitantes das áreas próximas à baía do Benin, sobretudo entre os anos de 1804 e 1810. A presença de escravos islamizados na Bahia é, assim, um desdobramento da história da África (LOVEJOY, 2000, p. 11-12).

Os escravos afro-muçulmanos introduziram na Bahia línguas da família *kwa*, pela representatividade numérica dos seus usuários, face aos falantes das demais línguas oeste-africanas. Segundo Pessoa de Castro (2009, p. 38), o termo *kwa* designa ‘homem’ em muitas línguas desta família, cujos representantes mais significativos, no Brasil, são as do grupo *ewe-fon* e a língua *iorubá*.

São famílias de línguas *kwa*: iorubá, *ewe-fon* (*ewe*, *fon*, *gun*, *mahi* e *mina*), *nupe* (*bari*, *ibira*), *akan* (*twi-fante*, *axante*), *bini* (*edó*, *cucurucu*), *gã* e *ibô*. Línguas da família *ewe-fon* foram faladas por africanos conhecidos por *jejes*, *minas*, *aladás*, *uidás* e *mahis*, além de outras designações, e cuja presença no Brasil está documentada desde fins do século XVII, no Recôncavo baiano, em Pernambuco, nas Minas Gerais, em São Luís do Maranhão e no Rio de Janeiro (PESSOA DE CASTRO, 2009, p. 39).

3. METODOLOGIA

O levantamento dos arabismos africanos dicionarizados no DER foi realizado manualmente, observando-se a atribuição de origem apresentada por Antenor Nascentes. Coligiram-se inicialmente os termos aos quais a hipótese etimológica remetia a uma língua africana. Identificaram-se, dentre estes, vocábulos de origem árabe ou transmitidos para o Ocidente por meio do árabe. Corroborou-se esta origem na língua corânica, ou a participação desta na sua difusão, em produtos lexicográficos especializados, quais o *Léxico Português de Origem Árabe: Subsídios para Estudos de Filologia* (VARGENS, 2007) e o *Diccionario de Arabismos y Voces Afines en Iberorrománico* (CORRIENTES, 2003). Analisou-se, ainda, a atribuição de origem em dicionários gerais de língua, cuja descrição lexical é mais abrangente, integrando vocábulos de diferentes regiões (*variedades diatópicas*), de grupos sociais distintos (*variedades diastráticas* e terminologias) e de variadas fases da história da língua (*variedades diacrônicas*). Assim, recorreremos ao *Dicionário*

Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa, o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa e ao Dicionário Eletrônico Michaëlis da Língua Portuguesa.

As obras acima citadas são indicadas pelas siglas DER (*Dicionário Etimológico Resumido*), DELP (*Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*), DEM (*Dicionário Eletrônico Michaëlis*), DEA (*Dicionário Eletrônico Aurélio*), DEH (*Dicionário Eletrônico Houaiss*), LPOA (*Léxico Português de Origem Árabe*) e DAVAIR (*Diccionario de Arabismos y Voces Afines en Iberorrománico*). Cita-se, eventualmente, a EBDA (*Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*).

A apresentação dos arabismos africanos coligidos no DER se dá mediante a reprodução do verbete ali encontrado, o qual tem estrutura diversificada: às vezes traz apenas a indicação de origem, às vezes complementa-a com um étimo ou uma acepção, outras vezes, ainda, traz a origem, um étimo e a acepção.

À reprodução do verbete do DER para cada vocábulo levantado seguem nossas observações acerca da sua dicionarização nos demais produtos lexicográficos tomados como referência. Apresentam-se, sempre que possível, a datação, a acepção, o étimo, notas acerca da sua evolução no português. Empregamos a datação fornecida por Houaiss (2001) e reproduzimos preferencialmente o étimo apresentado por Vargens (2007).

As abreviaturas empregadas na reprodução dos verbetes são: > evolui para; < resulta da evolução de; c. cerca de; s. século; s.d. sem indicação de data; ár. árabe; fr. francês; ior. iorubá.

4. ARABISMOS AFRICANOS NO DER

Dentre os africanismos dicionarizados no DER, são vocábulos de origem árabe aqueles listados a seguir:

Alfa (sacerdote do Senegal) - certamente de origem africana.

1871. O DER não especifica tratar-se de ‘sacerdote muçulmano do Senegal’, informação que consta no DEA, DEH, DEM e no LPOA. Enquanto o DEA aponta uma provável origem africana, o DEH tem-na por certo, embora não estabeleça o étimo. Trata-se, talvez, de variante fonética, sincopada, de *alufá* (< ár. *al-awf(a)*), que o DEM, com efeito, registra como *alfá*. Observe-se que o LPOA, que usualmente registra variantes fonéticas, gráficas e morfológicas dos arabismos que dicionariza, não apresenta a forma *alfá* como variante de *alufá*.

Alicali - de origem africana.

s.d. No português do Brasil, ‘conselheiro espiritual dos afro-muçulmanos’. De origem árabe, o DAVAIR (< ár. *al-al-qā'il*, ‘o orador’) aponta línguas africanas como intermediárias na sua introdução no Brasil. O DEH toma-o por hauçá.

Almadia - do ár. africano *al-m'adia* “balsa, barca para passagem”.

c 1499. Todos os dicionários consultados afirmam tratar-se de arabismo (< ár. *al-mādia(t)*) designativo de ‘embarcação africana e asiática, estreita e comprida, feita com um único tronco de árvore escavado’.

Alufá - de origem africana, talvez de procedência árabe.

s.d. O termo designa ‘1. Chefe religioso oeste-africano’ e ‘2. Malê’. O DELP e o DEM creditam a esta forma uma origem iorubana, o DEA informa tratar-se, possivelmente, de arabismo africano, tendo por étimo, segundo o LPOA, o ár. *al- awf(a)*.

Baobá - do senegalês *baobab*, através do fr. *baobab*.

1763. Termo da botânica (*Adansonia digitata*). Embora não esteja documentado nem no LPOA nem no DAVAIR, *baobá* aparece como arabismo intermediado pelo francês no DEA, trajetória interlinguística em que o DEH inclui ainda o latim científico como língua ponte e que o DEM remete diretamente ao francês.

Bezoar - do persa *padzahr* “antídoto”, pelo ár. *badzahr*, *bazahr*, no ár. africano *bezuwâr*.

1516. Segundo o DEA e o DEH, forma originada no persa, difundida pelo árabe, designativa de ‘pedra que se forma no estômago ou nos intestinos de animais, com a qual antigamente se preparavam fármacos’.

Machacali - do malê.

s.d. No Brasil, a ‘casa malê em que se reza’ recebe o nome de *maçalassi*, identificado como de origem hauçá pelo DEH e pelo DEA, trazendo, entretanto, o LPOA a forma *maçalassi* (< ár. *masallaci*, ‘mesquita’), com as variantes gráficas *massalassi* e *ma-ça-la-si*, de que *machacali* parece variante fonética.

Malê - de origem africana, da bacia do Níger.

s. XIX. Conforme o DEH, é termo introduzido na língua portuguesa há 200 anos, quando efetivamente verificou-se forte presença de oeste-africanos em algumas regiões do Brasil, como a Bahia e o Rio de Janeiro. Reichert (1971) faz uma longa exposição sobre a sua evolução semântica, no iorubá e no hauçá, a partir do étimo árabe designativo de ‘sábio’, ‘instrutor’, uma vez que, na África Ocidental, os professores eram, em geral, muçulmanos. Com o tempo, o termo perdeu o sentido de original, permanecendo apenas o de ‘muçulmano’. No Brasil, e particularmente na Bahia, designou o afro-muçulmano oeste-africano.

Mencionem-se aqui, ainda, dois outros vocábulos, por dicionarizarem-se como africanismos relacionados aos muçulmanos oeste-africanos:

Axuaçu - [de origem africana].

s.d. Brasileirismo designativo de diácono do culto malê, cuja origem africana apontada por Nascentes o DEA e o DEH acolhem. O DEM registra o termo, sem indicação de origem. Não está dicionarizado nem no LPOA nem no DAVAIR. Segundo a EBDA, *axuaçu* (< ior. *siwaju* ‘preceder, vir na frente’) designa um mestre-de-cerimônias entre os malês no Rio de Janeiro. No culto aos Orixás, é um dos títulos de Exu.

Nara - certamente de origem malê.

A segurança com que Nascentes credits aos oeste-africanos a introdução do termo no Brasil não se reproduz nos produtos lexicográficos consultados. Apenas o DEA e o DEM dicionarizam-no, aquele como africanismo do campo religioso.

Outro grupo de palavras merece atenção. O LPOA registra *mussurumim*, ‘muçulmano, entre os malês’, como arabismo legado pelos escravos islamizados. Apresenta, no mesmo verbete, as seguintes variantes: *muçulmi*, *muçulmin*, *muçumirim*, *muçurumim*, *muslim* e *mussurumi*. Destas formas, o DER dicionariza apenas *muçulmi*, que informa resultar de uma forma árabe não atestada, *muslimī*, com síncope e epêntese, e para a qual apresenta, em verbete à parte, a forma *muçulmuí* como uma “forma alterada”. Apresenta, também em verbetes à parte,

muxurumim como variante de *muçulmi* e *muçurmuni* como variante de *muçulmuí*. Entretanto, não estabelece entre estas formas qualquer relação com a presença afro-muçulmana no Brasil escravagista.

Da análise dos dados, tem-se que:

Coligiram-se no DER 08 africanismos que figuram como arabismos em algum dos dicionários de referência.

Atribui o DER origem africana a 04 itens (*alfa*, *alicali*, *baobá* e *malê*), sem perceber sua relação com a língua corânica. Trata-se, em verdade, de 04 arabismos.

Aponta provável origem árabe para, no entender de Nascentes, o africanismo *alufá*, cuja origem árabe é ponto pacífico na literatura especializada.

Reporta a um árabe africano o termo *almadia*, referindo-se a esta variedade do árabe também no verbete para *bezoar*. Como ambas as formas são do século XVI, é provável que Nascentes se referisse ao árabe norte-africano, uma vez que cristãos ibéricos e muçulmanos norte-africanos mantiveram constantes contatos (comerciais e militares) no período.

Nascentes equivocadamente atribui ao “malê” a origem do termo *machacali*. *Malê* é termo que generalizadamente se refere aos africanos islamizados, não especifica grupos étnicos e muito menos designa uma língua em particular. Também aqui há, hoje, certeza de se tratar de um arabismo, introduzido, no Brasil, por afro-muçulmanos, constituindo o seu étimo, portanto, um arabismo africano.

Nascentes não reconhece a origem afro-muçulmana da série *muçulmi*, *muçulmuí*, *muçurmuni* e *muxurumim*, embora correlacionasse os termos como variantes entre si e apontasse uma origem não-atestada, não-padrão, portanto, para *muçulmi*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez considerada a análise dos dados apenas exposta e retomando a questão norteadora deste estudo, se o DER distingue arabismos africanos de arabismos, bem como a hipótese testada, de que o referido dicionário não os

diferencia efetivamente, conclui-se pela corroboração desta: a rigor, o DER apresenta origem árabe para apenas 02 dos 08 itens levantados (*almadia* e *alufá*), o equivalente a 25% dos itens analisados.

Assim, vê-se que o DER não reflete os conhecimentos sócio-históricos e linguísticos hoje disponibilizados por diversas áreas do saber, – relacionados à política e à economia, às migrações, ao contato linguístico-cultural, aos fenômenos de interferência que o sucedem e à aquisição de empréstimos pelas línguas em contato –, acerca do Tráfico Atlântico, não constituindo, portanto, uma fonte segura na identificação de vocábulos portugueses de origem árabe ou da contribuição afro-muçulmana à língua portuguesa do Brasil.

A importância do tema dos arabismos do português brasileiro, africanos ou não, está no fato de evidenciar um aspecto da rica formação étnico-cultural brasileira; a efetiva participação de etnias distintas, que o generalizante “índio, negro e branco” não permite entrever, mas da qual a língua dá irrefutável testemunho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORRIENTE, F. “Romania Arabica: uma questão não resolvida de interferência cultural na Europa Ocidental”. Trad. por Michel Sleiman. In: *Signum*, n. 8, p. 81-91, 2006.
- CORRIENTE, F. *Diccionario de arabismos y voces afines en iberorromance*. 2. ed. ampl. Madrid: Gredos, 2003. [Biblioteca Románica Hispánica, Fundada por Dámaso Alonso, Dictionarios, 22]
- CORRIENTE, F. “Novedades en le estudio de los arabismos en iberorromance”. In: *Revista Española de Lingüística*, 26, 1, p. 1-13, 1996.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LOVEJOY, P. “Jihad e escravidão: as origens dos escravos muçulmanos da Bahia”. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 11-44, 2000.
- MARANHÃO, S. de M. *A dicionarização de arabismos no Novo Aurélio Século XXI: dicionário da língua portuguesa, no Dicionário Houaiss da língua portuguesa e*

- no *MICHAËLIS: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. (Tese de Doutorado). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2011.
- MICHAËLIS: *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998. (Dicionários Michaëlis)
- NASCENTES, A. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1966.
- PESSOA DE CASTRO, Y. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. 2.e.d Rio de Janeiro: Topbooks, 2009.
- VARGENS, J. B. de M. *Léxico português de origem árabe: subsídios para os estudos de filologia*. Rio Bonito: Almadena, 2007.
- WELKER, H. A. "Breve histórico da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros". In: *Matraga*, n. 19, p. 69-84, 2006. Disponível em: <www.unb.br/hawelker/metalex_Matraga.pdf>. Acesso em: 15. jul. 2007.